



Data: 01.08.2020

Título: O FUTEBOL DE CABEÇA PARA BAIXO

Pub: **Exame**



Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 1;18;19;20;21;22;23;









ESPECIAL
 TRANSFORMAÇÃO
 DIGITAL
 A CAMINHO
 DO NOVO NORMAL
 NAS EMPRESAS

O FUTEBOL DE CABEÇA PARA BAIXO

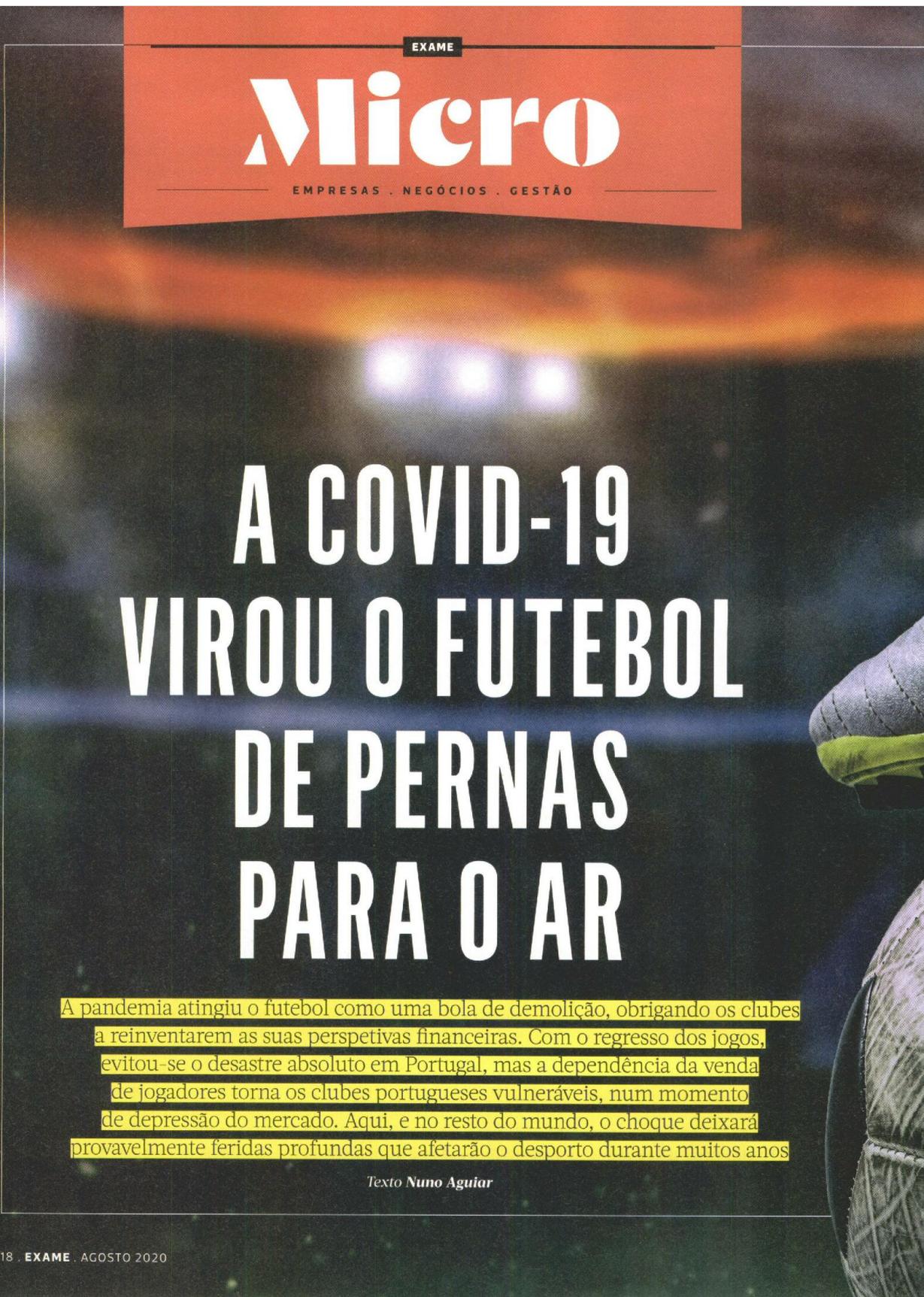
A Covid-19 tirou os espectadores dos estádios e secou muito dinheiro do negócio do desporto-rei. Mais desigualdade entre as ligas, menos receitas e mais incerteza para os clubes nacionais, em análise num especial de 18 páginas

Área: 14707cm²/ 155%

FOTO Titagem: 33.400

Cores: 4 Cores

ID: 6908913



EXAME

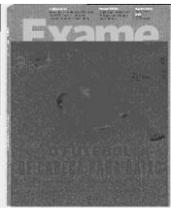
Micro

EMPRESAS . NEGÓCIOS . GESTÃO

A COVID-19 VIROU O FUTEBOL DE PERNAS PARA O AR

A pandemia atingiu o futebol como uma bola de demolição, obrigando os clubes a reinventarem as suas perspetivas financeiras. Com o regresso dos jogos, evitou-se o desastre absoluto em Portugal, mas a dependência da venda de jogadores torna os clubes portugueses vulneráveis, num momento de depressão do mercado. Aqui, e no resto do mundo, o choque deixará provavelmente feridas profundas que afetarão o desporto durante muitos anos

Texto Nuno Aguiar



Data: 01.08.2020

Título: O FUTEBOL DE CABEÇA PARA BAIXO

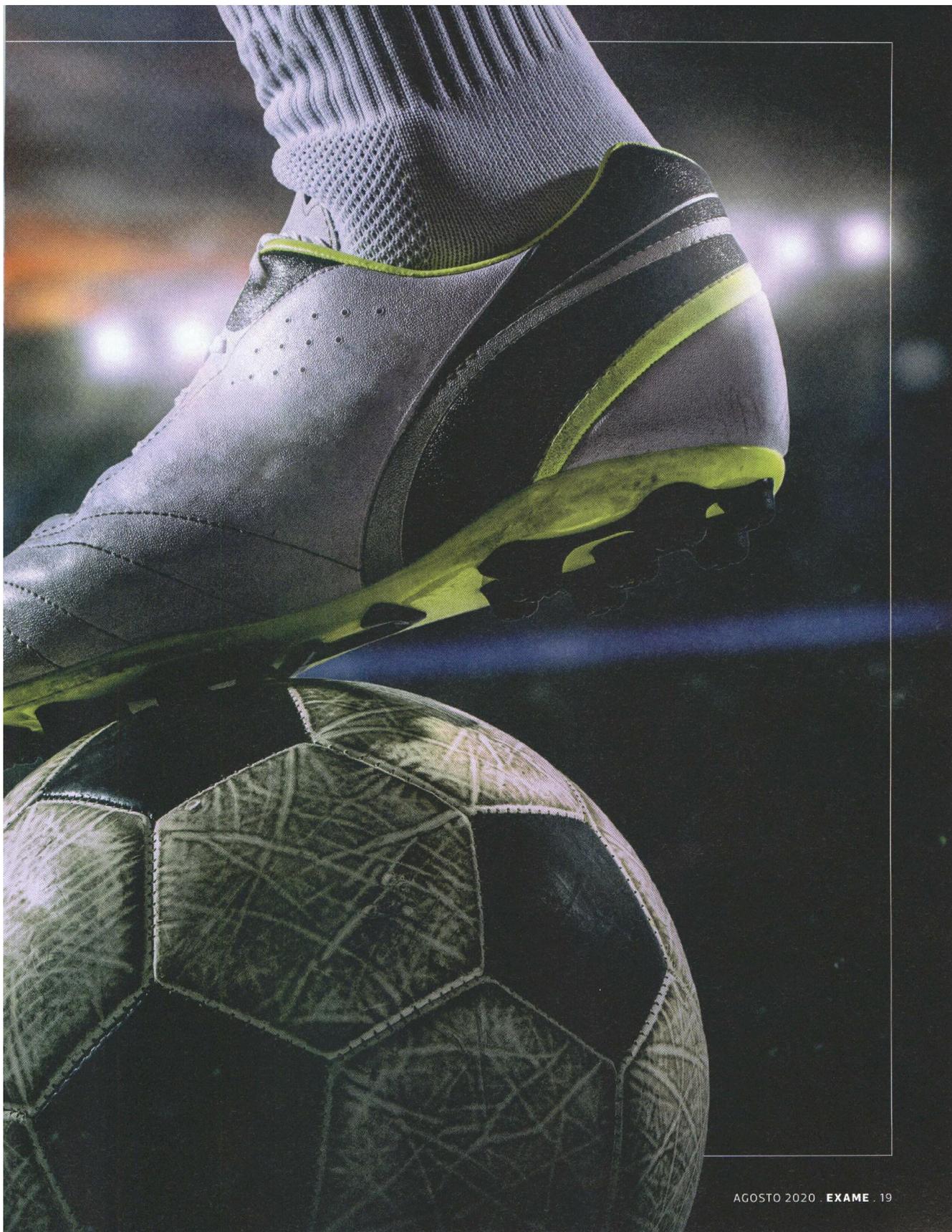
Pub: **Exame**



Tipo: Revista Especializada Mensal

Secção: Nacional

Pág: 1;18;19;20;21;22;23;



AGOSTO 2020 . EXAME . 19

Área: 14707cm²/ 155%

FOTO Titagem: 33.400

Cores: 4 Cores

ID: 6908913

E Micro

C

Clubes falidos, jogadores vendidos em saldos, maior desigualdade entre clubes (e entre ligas), necessidade de reestruturação financeira e de repensar o modelo de financiamento. A pandemia que está a varrer o mundo arrastou a indústria do futebol para aquela que pode ser a sua maior crise de sempre. Sem público nas bancadas, com um produto menos espetacular para transmitir nas televisões, um previsível recuo nas receitas de publicidade e merchandising e, acima de tudo, o rebanar da bolha das transferências, o futebol prepara-se para uma travessia do deserto. O setor provavelmente não voltará a ser o mesmo. O que irá mudar?

Um pouco como todos nós e o resto da economia, o futebol será obrigado a adaptar-se a uma nova realidade pós-Covid-19. Integrado numa das áreas que mais sofreram com a crise de saúde pública – os espetáculos ao vivo – e constituído por empresas que frequentemente estão em situações financeiras precárias, o desporto é vulnerável aos efeitos devastadores do coronavírus. Até haver uma vacina, a “normalidade” será provavelmente uma ficção.

A indústria do futebol é muito mais do que os 22 jogadores que sobem ao relvado. Existem muitos mais trabalhadores e empresas dependentes desta atividade. Das rulotes à porta dos estádios aos bancos que emprestam dinheiro aos clubes. Em Portugal, as duas principais ligas representam 0,3% do PIB nacional e empregam diretamente mais de 2 600 pessoas, a grande maioria jogadores. As equipas pagam anualmente 150 milhões em impostos.



Dinheiro em caixa

Com a conquista do título no campeonato português, o FC Porto assegurou os milhões da entrada direta na Liga dos Campeões

Estimativas iniciais sobre o impacto da pandemia apontavam para perdas entre os 700 e os mil milhões de euros em campeonatos de maior dimensão, como Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha. As contas feitas pela Liga portuguesa em abril sugeriam que o cancelamento dos últimos dez jogos do campeonato seria um desastre financeiro, provocando uma quebra de 37% da receita e colocando as SAD no vermelho. Esse cenário cataclísmico não se confirmou, mas a alternativa não evita uma enorme dor. O regresso aos jogos sem público para as equipas da primeira divisão deverá colocar a fatura da pandemia em 127 milhões de euros, o que representa uma contração de 15% face à época anterior. Pode não parecer muito, mas esse número esconde profundas diferenças entre as equipas, algumas com tesourarias à beira do precipício. Na altura em que este texto é escrito, o Desportivo das Aves, com salários em atraso há 90 dias e que falhou o pagamento do seguro de acidente de trabalho dos joga-



Se 2020/2021 for jogado sem público nos estádios haverá sérias consequências financeiras, mas elas já existem – os clubes estão a caminho da falência”

Stefan Szymanski
Economista e autor de *Soccernomics*





SÓ A II GUERRA MUNDIAL FOI TÃO DURA

Para encontrar um acontecimento tão dramático para o futebol temos de recuar 80 anos. Como se viveu o futebol durante a Segunda Guerra Mundial?

A Segunda Guerra Mundial (II GM) foi um acontecimento devastador para o futebol, mas a crise provocada pela Covid-19 parece estar a conseguir a proeza de ter um impacto semelhante. A primeira envolveu, claro, níveis incomparáveis de destruição humana, mas os efeitos no desporto não são assim tão distantes e, nalguns casos, podem ser piores. Essa análise foi feita recentemente por Jorge Tovar, professor na Universidade de Los Andes, na Colômbia, num estudo publicado em abril. "Os efeitos da II Guerra Mundial no futebol foram devastadores: em quase todos os países europeus houve torneios alterados, suspensos ou cancelados. Contudo, o coronavírus ultrapassa em muito esses efeitos no futebol. Pela primeira vez na História, quase todas as competições de futebol do mundo pararam", pode ler-se no *paper*. "Esta geração nunca viu um domingo sem futebol a uma escala universal." Com o achatar da curva, várias competições acabaram por regressar, mas nesta altura ainda ninguém conhece o futuro do desporto. Essa sensação também existia na II GM, mas foi diminuindo à medida que Hitler foi empurrado para Berlim. Além disso, enquanto durante a guerra o problema era essencialmente a competição mais organizada, a Covid-19 também cria obstáculos à dimensão recreativa, das ligas amadoras até ao jogo de amigos no domingo de manhã e à futebolada dos miúdos a seguir às aulas. Pela II GM, o futebol tinha

deixado de ser um desporto dos ricos ("gentleman's game") e passado a ser uma atividade transversal, motivando discussões em pubs e cafés. Antes de a guerra explodir, chegou a servir de veículo diplomático. Em maio de 1938, a seleção inglesa jogou contra a alemã em Berlim perante 110 mil espectadores, tendo feito a saudação nazi ao público, com a autorização do governo britânico. Ganhou 6-3. A guerra suspendeu algumas ligas, mas o futebol raramente parou. Quando a Alemanha invadiu a Polónia, a Liga polaca foi interrompida, mas os jogos continuaram com regularidade. Na Holanda, os nazis permitiram que a competição continuasse, desde que os judeus não participassem. O número de bilhetes para espetáculos desportivos até duplicou entre 1940 para 1943. Enquanto os soldados britânicos estavam a ser resgatados de Dunkirk, quase 33 mil ingleses viam um Chelsea vs. West Ham. Milhares juntavam-se em campos de futebol, mesmo durante o "blitz". Na Alemanha, as competições continuaram com a maior normalidade possível até agosto de 1944, quando, rodeados pelos russos a leste e americanos/britânicos a oeste, os nazis recrutaram todos os homens entre os 15 e os 60 anos para lutarem. Ainda assim, algumas regiões mantiveram competições oficiais. A 22 de abril de 1945, uma semana antes de os Aliados entrarem em Munique, o Bayern Munich jogou um amigável com

o 1860 Munich. Em 1939, 49% dos ingleses liam com mais atenção notícias sobre desporto do que sobre a guerra. Simon Kuper, autor de *Ajax, The Dutch, The War*, escreve para a ESPN que se foi tornando óbvio que o futebol era uma forma barata de manter a classe operária satisfeita. Um sábado de bola fazia mais pela moral do que uma campanha de marketing do governo. "Iniciou-se um lado mais leve e mais de entretenimento do desporto. Os jogadores mostravam as suas habilidades, sabendo que os resultados pouco importavam nas várias taças e ligas artificiais regionais e constantes amigáveis", conta Kuper. Alguns jogadores faltavam aos jogos, o que dava oportunidade a fãs para vestirem por uma vez a camisola do seu clube. "A média de golos por jogo duplicou de três, na última época antes da guerra, para seis, nos primeiros meses da guerra. O jogo também se tornou mais amigável: o tradicional aperto de mão no final provavelmente tem origem na II GM." Tovar lembra que, apesar das dificuldades, bastavam condições mínimas para o futebol ser praticado. "Em alguns casos, as competições oficiais mantiveram-se abertas mesmo quando se ouviam tanques e balas disparados não muito longe. Sempre que as condições o permitiam, não só o futebol era jogado como havia competições oficiais", escreve. Hoje, talvez tenhamos de ser mais pacientes e esperar para voltar a calçar umas chuteiras.

dores, esteve muito perto de não entrar em campo contra o Benfica, na penúltima jornada do campeonato.

Para perceber estes números temos de explicar, em primeiro lugar, como se ganha dinheiro no futebol. Existem seis vias centrais de receita para as SAD: direitos de transmissão televisiva, prémios de competições, bilheteira, publicidade, merchandising e, claro, venda de jogadores. O regresso dos jogos significou que a primeira ficou salvaguardada, provocando provavelmente suspiros de alívio de presidentes de SAD de norte a sul do País. Tirando os direitos dos atletas (mais incertos e flutuantes), são a principal fonte de receita dos clubes. Os problemas começam quando olhamos para as restantes rubricas.

António Samagaio, professor de Contabilidade e Gestão no ISEG, segue de perto as finanças dos clubes e antecipa três efeitos na estrutura de receita: "ausência de pessoas nos estádios, que em Portugal não é muito significativo; publicidade que, embora haja contratos em

 **Micro**

DOMINGOS SOARES DE OLIVEIRA / CEO da Benfica SAD

“COMO SE FAZ UM ORÇAMENTO COM TAMANHA INCERTEZA?”

Administrador admite que a indústria do futebol deverá ser bem mais conservadora nos próximos tempos

É correto dizer que duas coisas são certas para o futebol no curto prazo: menos dinheiro e mais incerteza?

Sim, isso é uma verdade de La Palice. E uma coisa está ligada à outra: toda a incerteza sobre a pandemia, que só terminará quando houver uma vacina eficaz disponível, provoca uma maior contração. Os clubes tenderão a ser mais conservadores nos seus gastos, porque há muitas incertezas que não controlam, a juntar às habituais no negócio do futebol.

Essa quebra nos negócios virá sobretudo de onde?

A situação é diferente para diferentes clubes e até diferentes países, consoante a fonte das receitas, entre outros fatores. Por exemplo, clubes que têm uma grande fatia do seu orçamento ligado a direitos televisivos sofrerão menos do que clubes que dependem mais de bilheteira ou de transferências. Por exemplo, em Portugal, a grande maioria dos clubes está nessa situação, com a maior fatia das receitas a vir de direitos televisivos. E os direitos televisivos são, para já, o único segmento estável, previsível e praticamente certo. O resto é muito incerto.

O que se pode antecipar para os outros segmentos?

É difícil. Falando, por exemplo, no merchandising, mesmo com a aposta no digital, não é de todo possível compensar o que se perde em vendas físicas, tradicionais. Depois, há as receitas das competições europeias, que esperamos que se realizem normalmente na próxima época, mas ainda sem garantias. E, por fim, as transferências.

No Benfica, as transferências têm tido um peso grande nas receitas. É certo que esta componente, como um todo, caia no futebol europeu?

Há essa expectativa, ligada à incerteza. Recentemente, o Transfermarkt estimou uma desvalorização do valor dos passes dos jogadores em 15%, durante o período da pandemia. Portanto, seria normal que se praticassem preços mais baixos. Vamos ver o que sucede. Se houver um ou vários grandes clubes a fazer enormes investimentos, podemos ver aquilo a que se chama habitualmente “efeito cascata”: esse dinheiro ir para clubes que, depois, o investem na compra de outros jogadores. Estamos a falar de 12 ou 13 clubes que são marcas mundiais, que têm tipicamente donos com bolsos muito fundos. Mas o que é previsível é que a realidade média do mercado esteja

abaixo do que tem estado nos últimos anos.

É possível que este período ponha em causa a sobrevivência de alguns clubes?

É possível nalguns casos. E é possível que force soluções diferentes; por exemplo: clubes que não se consigam financiar normalmente e tenham de encontrar um investidor que fique com controlo do capital. Esse modelo pode ganhar força num momento de fragilidade.

No caso do Benfica, qual é a situação?

Nós temos uma situação de tesouraria confortável, temos uma emissão obrigacionista também, e o timing também foi bom, porque, no futuro, pode haver mais dificuldade em encontrar financiamento. É preciso ser conservador, naturalmente. Como se faz um orçamento com tamanha incerteza? Não é fácil.

Estas mudanças vieram para ficar ou serão provisórias?

No mínimo, será um ano atípico. Até haver vacina, será complicado. E, depois, há tudo o resto: o impacto económico de tudo isto, que pode levar dois ou três anos. Não é possível haver uma *pancada* de 10% no PIB e não haver grandes consequências. **T.F.**

vigor, pode ter reflexos caso este contexto se prolongue (por exemplo, as companhias aéreas podem ter menos capacidade para investir e havia expectativa de uma negociação do contrato do Benfica com a Emirates); e, por último, a venda de jogadores. Este deve ser o fator mais crítico em Portugal. A pausa e o adiamento de competições, como o campeonato da Europa, podem diminuir o apetite”, diz à EXAME.

Isso bate certo com as contas da Liga, que espera uma quebra de 28% nas receitas com transferência de jogadores, o que significará uma perda de 86 milhões de euros. Compare-se com as restantes fontes: um recuo de 12,6 milhões na bilheteira (sem contar com os diferentes sistemas de compensação que os clubes utilizarão na próxima época); perdas de três milhões no merchandising (-24%); e queda de 11 milhões na atividade comercial (-15%).

No mesmo documento em que faz estas previsões de impacto, a Liga avisa que pode estar em causa a própria sobrevivência do futebol profissional em Portugal e que será fundamental o setor reinventar-se. Além do Aves, em março, a Liga disse que outros cinco clubes tinham salários em atraso nas duas primeiras divisões: Boavista (que entretanto entregou documentação que mostra o contrário), Vilafranquense, Cova da Piedade, Académica e Leixões.

No menos debatido futebol não profissional, a situação será ainda mais dramática e é transversal a todos os escalões. Sem dinheiro de transmissões televisivas, os clubes estão dependentes de patrocínios, o que numa economia deprimida os deixa com a corda ao pescoço.

JOGADORES EM SALDO

Não são apenas os clubes portugueses que ficam com suores frios a pensar no mercado de transferências. É uma preocupação global, temendo-se um efeito dominó que deprima o mercado, de Manchester a



Milhões do Oriente

O Manchester City, treinado por Guardiola, afinal vai poder competir na Europa, depois de inicialmente ter sido suspenso por violação do fair-play financeiro. Tem sido um dos grandes investidores em jogadores, nos últimos anos



“Uma liga [com venda de direitos] centralizada teria mais facilidade em ultrapassar este momento na negociação com as operadoras”

Miguel Farinha
Partner da EY

Turim. A incerteza é enorme e há muitas estimativas sobre a quebra do valor dos jogadores, normalmente balizadas entre 15% e 30 por cento. O CIES Football Observatory prevê que o mercado recue 28% nas cinco maiores ligas europeias. Foi também essa a referência utilizada pela Liga portuguesa nas suas simulações.

A análise mais recente feita pela KPMG (dados de maio) antecipava uma desvalorização dos jogadores de 18%, num cenário de regresso da competição, e 27%, caso a época fosse cancelada. Neste segundo cenário estão Neymar e Mbappé, cujos passes desvalorizariam 22 por cento. São considerados pela KPMG os dois jogadores mais valiosos do mundo, à frente de Sterling e Messi. Neste ranking, há atletas com desvalorizações de mais de 30 milhões em apenas três meses.

Esta lista conta apenas com dez jogadores que atuam em Portugal. Seis do Benfica, três do Porto e um do Braga. Destes, aqueles que mais valor perderam com a pandemia foram Alex Telles e Danilo Pereira, seguidos por Grimaldo e Rúben Dias. Todos com quebras superiores a quatro milhões e, no caso de Telles,

acima de sete. Em média, os jogadores da Liga portuguesa analisados pela KPMG deverão desvalorizar 17,3%, em linha com média dos campeonatos analisados.

São números dramáticos para clubes que dependem dos negócios que se fazem no verão para equilibrar as contas. Haverá menos dinheiro a entrar e, além de um terremoto financeiro, isso significará menos capacidade para reforçar plantéis. Um efeito que deverá ser mais visível entre os “grandes”.

Miguel Farinha, partner da Ernst & Young e responsável pela preparação do anuário da Liga, nota que a época passada tinha trazido desenvolvimentos positivos. “O último ano foi claramente melhor do que os anteriores devido a transferências por valores superiores do que na época anterior.” Farinha não a mencionou, mas a venda de João Félix por 120 milhões de euros foi decisiva para esse resultado. Este verão, não haverá um João Félix, nem nada que se pareça. Essa rubrica deve cair a pique.

José Boto, ex-diretor de scouting do Benfica, acha que “hoje, seria impossível vender o João Félix por aquele valor”. “Nenhum clube do mundo arriscaria”.


Micro


DINHEIRO EM CAIXA

Verbas da Champions são “bazuca” financeira do FC Porto, em tempo de Covid-19

> VERBA GARANTIDA

Ser campeão nacional é o objetivo de qualquer clube, mas, neste ano, teve ainda mais significado. A conquista do campeonato foi talvez a melhor “bazuca” financeira para estes tempos difíceis. Ainda não são conhecidos os valores que a UEFA irá distribuir, mas a avaliar pelas competições anteriores, entrada direta na Champions, garantirá ao Porto um encaixe superior a 40 milhões de euros.

> UM CAMPEONATO OPORTUNO

O FC Porto encerrou o último exercício com um passivo próximo dos 408 milhões de euros, menos 60 milhões do que na época anterior. No entanto, nos primeiros seis meses desta época tinha já feito esta rubrica do balanço crescer 36 milhões. Os prejuízos, no primeiro semestre, atingiram os 52 milhões de euros.

> CONTRATAÇÕES POSITIVAS

As receitas de transferências são outras das grandes fontes de receita do FC Porto. O encaixe com transferências ascendeu aos 88 milhões de euros nesta época. Só Éder Militão representou um encaixe de 50 milhões. Nas compras, o clube do Norte ficou-se pelos 63,1 milhões de euros. Nakajima foi o mais caro, custou 12 milhões.

> FIM DA VIGILÂNCIA

Este é o último ano em que o FC Porto estará sob a vigilância da UEFA e com limitações nas contratações de jogadores. A sanção foi imposta em 2017 devido aos desequilíbrios financeiros que impedem que o défice final seja superior a 30 milhões de euros.

que ficam com mais poder de negociação. Quem tenha dinheiro para gastar pode fazer bons negócios.

Por vezes, basta uma grande contratação para desbloquear o mercado. Carlos Freitas, diretor desportivo do Vitória de Guimarães, admite que “continuaremos a ter transferências como vimos com Pjanic e Arthur [troca entre Juventus e Barcelona] ou talentos emergentes como Jadon Sancho [do Dortmund para o United, negócio ainda não concretizado à data do fecho desta edição]”. “A partir do momento em que uma operação dessas se materializa, ela tem um efeito cascata.”

Ainda assim, o dirigente não nega um arrefecimento do mercado. “No curto e médio prazo haverá algum impacto. Os valores que se atingiram com Neymar, por exemplo, serão impossíveis”, admite à EXAME. “Mas, mais preocupante do que essas vendas por 200, falava-se de 50 ou 60 milhões de euros com uma normalidade assustadora. Como se fossem os 10/12 milhões de antigamente.”

O sobreaquecimento já era tão grande, principalmente quando envolvia clubes da Premier League, que muitos já falavam de uma bolha, como aquelas que se formam nos mercados de capitais. À BBC, David Webb, diretor operacional para o futebol do Huddersfield, menciona uma sobrevalorização de 50% dos passes dos jogadores.

Carlos Freitas, que já liderou o futebol do Sporting e da Fiorentina e que é diretor desportivo do Vitória Sport Clube (Guimarães), espera que os clubes possam começar a olhar para as contratações mais como investimentos do que como fonte de ganhos imediatos. Menos “jogadores feitos”, mais atletas com margem de crescimento, o que, ironicamente, trará também uma dose acrescida de risco. É isso, diz, que tem sido feito no Vitória, apostando em jovens até aos 23 anos e contendo a massa salarial.

A quebra do mercado de transferên-

diz à EXAME. “O modelo de negócio dos clubes portugueses vai sofrer.”

Veremos se os clubes preferem vender a preço de desconto ou esperar por melhores tempos. O FC Porto, por exemplo, estará especialmente pressionado a vender, com vários jogadores em final de contrato, como os influentes Alex Telles e Marega. Os clubes deverão recorrer mais às camadas jovens, fazer mais compras no campeonato nacional e ordenar o regresso de jogadores emprestados. Não é difícil adivinhar que a força e a profundidade dos plantéis sofrerão. Será que os adeptos irão compreender?

Um pouco por todo o mundo, deveremos assistir a menos contratações arriscadas. Talvez não haja 105 milhões de euros por um Dembele ou 120 milhões por um João Félix, vendas mais promissoras poderão ser adiadas (Mbappé?) e trocas de jogadores podem ser mais comuns. Vai ser um mercado feito para compradores,



Recorde milionário

A venda de João Félix, no final da época passada, do Benfica ao Atlético Madrid foi um novo recorde nacional, com um valor de 120 milhões de euros



O facto de termos de nos ajustar não é necessariamente negativo”

Carlos Freitas
Diretor desportivo do Vitória de Guimarães



cias e a desvalorização dos jogadores traz outros problemas mais puramente financeiros. Como explica à EXAME o economista Stefan Szymanski, autor de *Soccer-nomics*, os clubes tratam os jogadores que contratam como ativos no seu balanço e “desvalorizar esses contratos significa desvalorizar o ativo, o que pode significar que os ativos valerão menos do que os passivos e, nesse caso, o clube estará falido, a não ser que alguém intervenha para cobrir essa diferença”.

O PESO DOS SALÁRIOS

A pandemia está provocar crises de nervos nos departamentos de contabilidade. À semelhança de muitas empresas em Portugal, as SAD estão a travar contratações e investimentos, a cancelar contratos e racionalizar stocks. O FC Porto foi obrigado a adiar por um ano o reembolso de uma emissão obrigacionista de 35 milhões de euros. Os ajustes possíveis para impedir que salários, impostos e compromissos bancários fiquem por pagar.

Não está a ser fácil. Desde o início da pandemia que há clubes com salários em atraso. Durante a pausa do campeonato,

alguns recorreram ao layoff, outros fizeram acordos confidenciais com os jogadores para que os salários fossem ajustados no período de interrupção. Não existem números oficiais, mas muitas negociações terão envolvido reduções entre 30% e 40 por cento.

O nível dos salários praticados no futebol vinha sendo objeto de discussão, ainda antes de um vírus nos obrigar a ficar trancados em casa. O seu peso tem aumentado um pouco por toda a Europa, com bastante heterogeneidade entre ligas. Em Itália e França já ultrapassa os 70% das receitas, enquanto na Alemanha está mais perto dos 50 por cento. Segundo uma análise da Deloitte, em Portugal esse peso atinge os 75%, um dos níveis mais altos da Europa, apenas atrás da Liga turca. “Temos um nível de gastos com salários nos clubes grandes muito alto, que é incomportável para a nossa dimensão”, critica Samagaio.

A pandemia deverá travar essa tendência de subida. E não apenas porque não há dinheiro. Existem também argumentos morais. Numa altura em que milhares de pessoas estão a morrer e milhões

FUTEBOL FEMININO: DOR SENTIDA AO QUADRADO

O progresso conseguido nos últimos anos fica em risco com a pandemia

O futebol feminino tem recebido pouca atenção durante esta crise, mas deverá ser mais sensível do que a vertente masculina do desporto. Na realidade, foi aí que se observaram, pela primeira vez, os efeitos disruptivos que a Covid-19 viria a ter para toda a indústria. Os jogos de qualificação para os Jogos Olímpicos estavam previstos para Wuhan no início de 2020, tendo sido primeiro remarca-

dos para outra localização na China e, posteriormente, para a Austrália. "As jogadoras têm sido afetadas de uma forma semelhante aos seus colegas [...]. Uma diferença real entre

os dois é o facto de, mesmo a um nível de elite nas grandes competições (imagine-se nos campeonatos domésticos mais pequenos), a maior parte das jogadoras, mesmo as profissionais, não é capaz de viver apenas do jogo", pode ler-se numa análise feita pela LTT Sports. O *think tank* lembra que os salários praticados são de universos diferentes. "Além disso, muitas mulheres trabalham em *part-time* numa outra carreira ou a estudar, o que colocou uma pressão adicional sobre elas e as suas famílias, uma vez que têm de se preocupar com muito mais do que a sua capacidade para treinar e

jogar", acrescenta. Quanto ao resto, a situação é parecida. Mas, no momento em que a recuperação chegar, as diferenças voltarão a ser evidentes. "Embora o impacto no futebol masculino e feminino seja tecnicamente igual, é extremamente provável que o jogo dos homens tenha prioridade quanto aos recursos aplicados na fase de regresso à competição." O futebol feminino desenvolveu-se bastante nos últimos anos, com audiências recorde no Mundial e em jogos ao vivo, assim como acordos de publicidade e direitos de transmissão ambiciosos. A Covid-19 ameaça esse progresso.



História interrompida

Este ano a France Football não atribuiu a histórica Bola de Ouro ao melhor jogador mundial, devido à pandemia. É a primeira vez que não haverá distinguido, em mais de 60 anos

caem no desemprego, pode ser complicado justificar contratações estratosféricas e salários milionários. Não só para o público como até internamente. Jogadores que tiveram o seu salário cortado verão com bons olhos novas contratações com salários muito altos? Os clubes são sensíveis a isso. Liverpool e Tottenham anunciaram inicialmente que iriam colocar os seus trabalhadores não jogadores em licença sem vencimento, mantendo os salários às suas estrelas. Perante as críticas, anularam a decisão.

Ronaldo e o resto do plantel da Juventus aceitaram uma redução salarial equivalente a 90 milhões de euros, enquanto Messi anunciou um corte de 70% do ordenado durante o estado de emergência, permitindo que os restantes funcionários do clube continuem a ser pagos.

Mas essas são as grandes estrelas, com contratos de patrocínios milionários, mansões gigantes e carros de luxo nas garagens. É, normalmente, nelas que pensamos quando nos falamos de jogadores de futebol, mas a realidade é muito diferente para a maioria. O Sindicato dos Jogadores não quis falar para este artigo.

mas em 2017 dizia ao *Diário de Notícias* que, excluindo Benfica, Sporting e Porto, a média salarial na primeira divisão portuguesa era 5,5 mil euros mensais. Na segunda divisão era mil euros.

INVESTIDORES E APOIOS PÚBLICOS

Não é ainda claro que seja possível manter a dimensão da indústria. Se as receitas demorarem a recuperar, parte do ajustamento salarial que está a ser feito pode acabar por se revelar estrutural. Muitos clubes podem não escapar à insolvência. O MSK Zilina, sete vezes campeão eslovaco, e o Lokeren, da Bélgica, entraram em bancarrota. Em Inglaterra, o Wigan Athletic anunciou a insolvência em julho. Há sete anos tinha vencido a Taça de Inglaterra. Isto não significa que o clube desaparecerá. O trabalho de Stefan Szymanski mostra que, entre 2003 e 2014, houve 35 insolvências nas quatro divisões inglesas de topo, mas que os clubes continuaram a existir, porque houve sempre um investidor disponível para ficar com a equipa ou dinheiro público para o salvar. O último clube inglês a desaparecer para sempre foi o Wigan

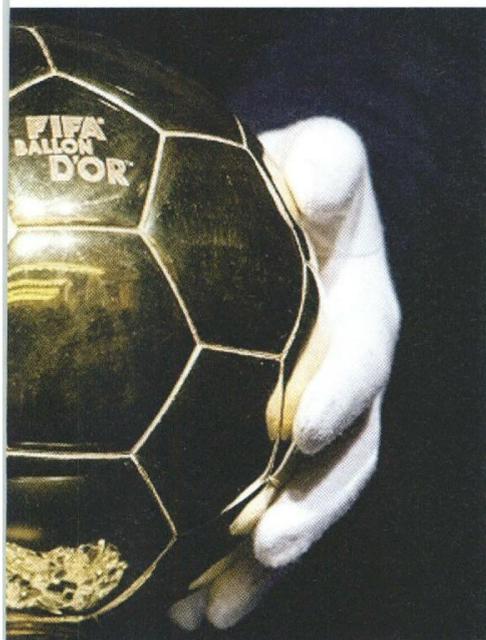


Clubes cujo modelo de negócio dependa de transferências serão os mais afetados"

Andrea Sartori

Diretor-geral para o desporto da KPMG





127 MILHÕES

Impacto do vírus

As estimativas da Liga apontam para uma perda de 127 milhões de receita para os clubes portugueses, uma quebra de 15% face à época anterior

0,3%

do PIB

Peso na economia

As contas da EY sugerem que as duas ligas profissionais representam 0,3% do PIB português, empregando 2 600 pessoas e pagando anualmente 150 milhões em impostos

ANDREA SARTORI / Diretor-geral para o Desporto da KPMG

“PANDEMIA PODE AINDA SENTIR-SE NAS TRANSFERÊNCIAS DE 2021”

Clubes mais pequenos sentirão mais o impacto

Vamos acabar esta época sem público. É sustentável imaginar uma época completa como esta em 2020/2021?

Se os fãs continuarem a não poderem entrar nos estádios, os clubes terão de encontrar alternativas. As ligas mais dependentes de receita de bilheteira irão provavelmente sofrer mais, num cenário de jogos à porta fechada. Entre as dez maiores ligas europeias, a Primeira Liga depende do dia de jogo para obter 15% das suas receitas, o que sugere que os clubes portugueses não sofrerão um dano muito grande se a entrada de fãs não for permitida em 2020/2021.

Esta crise irá aumentar a desigualdade entre ligas e clubes pequenos/grandes?

Clubes mais pequenos, mais dependentes de receitas de bilheteira são os que mais irão sofrer. Além disso, clubes com problemas de liquidez enfrentarão dificuldades financeiras adicionais, que podem levar a uma crise financeira real (por exemplo, o Wigan Athletic, no Championship inglês). Pequenos clubes também irão sofrer com a previsível diminuição dos valores de transferências. Será mais complicado venderem os melhores jogadores a clu-

bes maiores ao preço dos últimos anos. Numa perspetiva geral, os clubes que estejam financeiramente mais fortes e tenham sido capazes de manter liquidez sustentável estarão numa posição muito mais sólida, enquanto aqueles que estejam em dificuldades, sejam mais dependentes da bilheteira e venda de jogadores serão mais afetados. O impacto nas ligas de menor dimensão, com direitos de transmissão televisiva mais modestos e mais dependentes de bilheteira e venda de jogadores, será provavelmente maior.

No mundo das transferências, teremos um mercado para compradores?

De um “mercado para vendedores”, em que o clube que vendia tinha muitas vezes força para negociar valores altos, vamos provavelmente assistir a um “mercado para compradores”, em que uma minoria de clubes pode explorar a posição financeira difícil dos seus pares, possivelmente conseguindo jogadores a um preço mais baixo. Assim que a emergência Covid-19 desaparecer, será mais fácil para os grandes clubes “regressarem ao normal”. Contudo, para todo os clubes, o efeito em cadeia da pandemia poderá ainda sentir-se nas

transferências do verão de 2021.

Havia uma bolha no mercado de transferências?

Os clubes podiam pagar valores que agora já não conseguirão. É muito improvável que a próxima janela de transferências traga transações sensacionais, por motivos económicos e morais. Os jogadores de topo não deverão sofrer grandes desvalorizações, por ser pouco provável que os seus clubes os vendam com grandes descontos. Preferirão adiar a venda para tempos mais favoráveis. Podemos esperar que jogadores promissores das academias recebam mais tempo de jogo. O mercado de transferências será caracterizado por trocas, empréstimos e aquisições com direito de compra futura.

Que efeitos estruturais podemos esperar na indústria?

Provavelmente, é demasiado cedo para prever, mas os clubes certamente procurarão formas de se “protegerem” destas pandemias e poderão tentar ser mais sustentáveis. No curto prazo, a UEFA já anunciou mudanças às exigências do fair-play financeiro, de forma a facilitar a recuperação dos clubes, sem terem sanções.



Data: 01.08.2020

Título: O FUTEBOL DE CABEÇA PARA BAIXO

Pub: **Exame**

Tipo: Revista Especializada Mensal

QuickCom
comunicação integrada

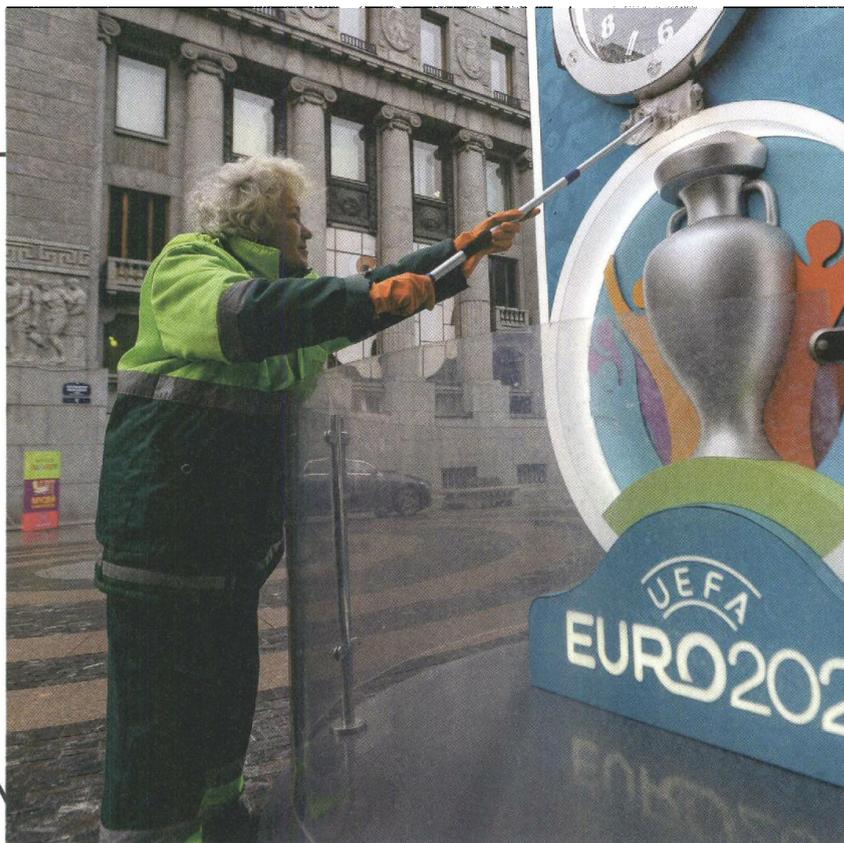
Secção: Nacional

Pág: 1;18;19;20;21;22;23;

E Micro

Um ano depois

Devido à pandemia, o Euro 2020 passou para o ano seguinte, com perdas para todos os parceiros



Borough, em 1931. E, no ano seguinte, já havia um... Wigan Athletic (sim, este que foi agora à falência).

Muitos donos de clubes têm outros negócios que estão a sofrer com a pandemia, principalmente aqueles que têm um pé no turismo. Mas a crise de uns é a oportunidade de outros. A ESPN noticiou que um grupo de investidores internacionais estava disposto a injetar mais de mil milhões de euros em equipas da Premier League com necessidades de liquidez. Nalguns casos, a moeda de troca pode ser uma posição na estrutura acionista, o que sugere algum otimismo sobre a recuperação do setor.

As organizações internacionais estão a tentar ser flexíveis nas exigências de cumprimento de regras. A UEFA, por exemplo, suspendeu as regras do *fair-play* financeiro, para não penalizar ainda mais os clubes.

Em Portugal, a preocupação também passa por um recuo na profissionalização dos clubes. Áreas possivelmente mais afetadas são aquelas que possam ser consideradas menos essenciais, como os departamentos comercial, financeiro, marketing, recursos humanos. Setores reforçados nos

últimos anos, à medida que o futebol se afastou de um modelo em que meia dúzia de pessoas eram responsáveis por quase todas as tarefas.

No entanto, essa evolução tem trazido também menos transparência, com entrada de novos investidores por vezes de identidade opaca e que geraram múltiplos conflitos entre clube e SAD. Históricos como Beira-Mar, Leiria ou Atlético acabaram por ir parar às distritais e tiveram de se reconstruir. E, claro, o caso mais conhecido é a cisão no Belenenses entre clube e SAD, que se mantém, com duas equipas distintas em competição.

O Governo reconhece à EXAME que é necessário mais exigência (página 33). Referindo-se à situação dramática do Aves, o secretário de Estado da Juventude e do Desporto diz que “o Governo não se pode alhear” e que pediu “uma análise ao regime jurídico que tutela as sociedades desportivas”. O que pode envolver? “Seremos muito mais rigorosos na validação de condições financeiras” e exigir aos clubes que deem “mais garantias”.

Quanto a ações de apoio ao setor, João Paulo Rebelo cita apenas as medidas que estão no terreno para todas as empresas,

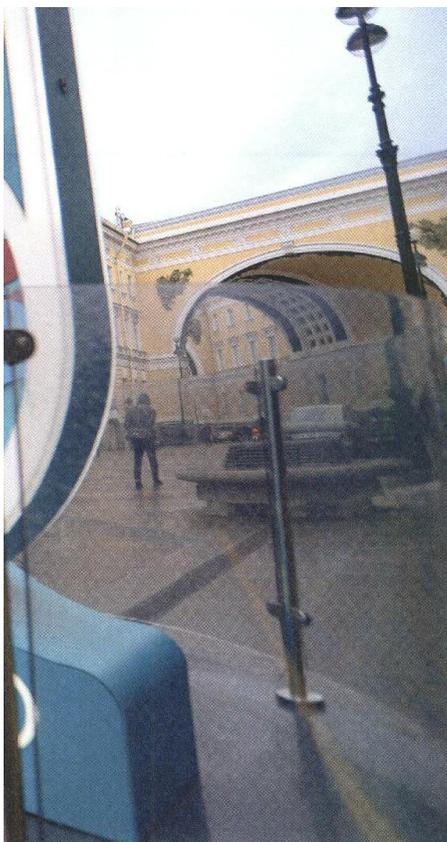


Sabemos que os clubes portugueses não estão assim tão bem e que alguns podem desaparecer”

José Boto

Diretor de scouting do Shakhtar Donetsk





APOSTA FORTE NOS JOVENS

Formar e vender jogadores é receita antiga para equilibrar as contas

> RECUPERAR PREJUÍZOS

Foi o único dos três grandes a apresentar prejuízos na última temporada. No entanto, conseguiu recuperar quase 12 milhões das perdas que vinham do ano anterior. A situação financeira complicada levou a atual direção a optar por uma estratégia de contenção que tem vindo a manter ao longo dos dois anos de mandato.

> VENDER E REINVESTIR

Esta época, o Sporting conseguiu uma receita total de 104 milhões de euros, com a venda de jogadores, e apenas gastou 28,5 milhões, em novas contratações. Dois jogadores, Bruno Fernandes (55 milhões) e Raphinha (21 milhões), representaram mais de três quartos da receita.

> RENTABILIZAR A ACADEMIA

Ao longo desta temporada, Rúben Amorim já lançou quase uma dezena de jovens formados na Academia de Alcochete. Mas bastaram 37 minutos em campo para que Joelson Fernandes despertasse o interesse de alguns gigantes, como o Arsenal e o Barcelona. O jovem de 17 anos tem uma cláusula de rescisão de 45 milhões. Esta poderá ser a primeira receita extra do clube para superar os efeitos da pandemia.

> ORÇAMENTO ALTERADO

Segundo a imprensa especializada, o Sporting estava a trabalhar com um orçamento de 70 milhões para a próxima época. Face às maiores restrições, o clube deverá rever esta verba para baixo.

MAIOR DESIGUALDADE

A Covid-19 lançou o debate sobre a desigualdade nas nossas sociedades. Como o seu agravamento deixou segmentos da população mais vulneráveis e como o próprio vírus afeta mais grupos que já tinham dificuldades. O futebol pode ser um microcosmos desse problema. A Liga portuguesa, por si só já bastante desequilibrada entre “pequenos” e “grandes”, pode ver esse fosso alargado.

Porém, há quem ache que a divisão não será entre pequenos e grandes, mas entre cautelosos e imprudentes. “Esta crise vai afetar sobretudo clubes altamente endividados e cujo orçamento depende da venda de jogadores. Para o FC Porto, por exemplo, é fundamental ser campeão para ter acesso direto à Liga dos Campeões e depois vender”, refere Samagaio. “Se olharmos para a maioria dos fluxos financeiros em Portugal, normalmente ali a meio da tabela, a maior parte das receitas são direitos televisivos. Normalmente, recebem 3,5 a 4 milhões de euros, o que pode representar 75% das receitas. O Sporting de Braga está numa situação folgada, o Rio Ave tem capitais próprios bastante positivos.”

A preponderância da receita de direitos televisivos face à bilheteira é bem ilustrada com o caso do Rio Ave, que em 2019 recebeu 4,1 milhões de euros do primeiro e apenas 300 mil euros do segundo. “Se tiverem sido prudentes e não estiverem muito endividados, os clubes podem aguentar o embate. Mas, na maior parte das vezes, os orçamentos são construídos a pensar na venda de jogadores”, acrescenta o académico.

Ainda assim, a generalidade das pessoas ouvidas pela EXAME tende a antecipar um agravamento da desigualdade. O top 5 - Porto, Benfica, Sporting, Braga e Guimarães - poderá resistir melhor ao embate, devido a uma tesouraria mais robusta, mais liquidez, capacidade de colocar dívida no mercado e uma massa de adeptos com dimensão suficiente para os apoiar. Quem conhece bem as contas e as condições dos clubes admite que sete ou oito atravessem sérias dificuldades de financiamento.

como o layoff simplificado e as moratórias de crédito, às quais mais de uma centena de clubes terá aderido. “O desporto não é um setor pária e não foi deixado para trás”, garante.

A federação criou um fundo de 4,7 milhões de euros para apoiar jogadores e treinadores de futebol até ao final do ano. Além disso, jogadores, equipa técnica, dirigentes e staff da Seleção Nacional doaram parte do prémio de qualificação para o Euro 2020, para aumentar esse valor para seis milhões. Em paralelo, há uma linha de crédito de um milhão para clubes não profissionais de futebol e futsal, foi antecipado o pagamento de prémios da Taça de Portugal e do futebol feminino. Multas e custas também foram suspensas. A federação contribuiu ainda com um milhão para a LigaPro.

E Micro

“Necessariamente, os mais fortes continuarão a ter mais capacidade”, aponta Carlos Freitas. “Alguns resultados desportivos recentes têm muito a ver com o período de tempo em que os jogadores ficaram fechados em casa e com outros aspetos motivacionais. Num regime de maior normalidade, as assimetrias continuarão a existir.”

LIGA PORTUGUESA PERDE TERRENO

Se na relação entre clubes, existem dúvidas sobre os efeitos da crise, há maior consenso em torno da ideia de que a pandemia contribuirá para uma perda ainda maior de competitividade da Liga portuguesa face ao resto da Europa, aprofundando uma tendência dos últimos anos, como comprovam os resultados nas competições europeias.

Miguel Farinha admite que “poderá haver mais desequilíbrio, com um maior enfraquecimento da Liga portuguesa”. José Boto, hoje no Shakhtar Donetsk, lembra que o problema não é novo. De ano para ano, as equipas portuguesas têm perdido qualidade. “Sabemos que os clubes portugueses não estão assim tão bem e que alguns podem desaparecer. Portugal já não é tão competitivo na Europa e esta crise poderá colocar a nossa Liga numa posição ainda pior”, aponta à EXAME. “Se calhar, quando estamos na Liga não damos tanta atenção. Às vezes achamos que temos uma Liga muito competitiva, mas não é bem assim. Agora, sem público, nota-se mais.”

O que também tem consequências na valorização dos jogadores. Deixa de ser uma boa montra? “Exatamente. Colegas meus dizem-me que não conseguem perceber se os jogadores são criativos”, acrescenta Boto, tido como um dos melhores do mundo na avaliação de talento. “Começa desde cedo, na formação. João Félix e Bernardo Silva, por exemplo, foram jogadores que motivaram dúvidas no seu percurso porque eram pequenos. Muitas vezes, olhamos para coisas que não interessam no futebol de muito alto nível, como a altura ou a agressividade. Ninguém compra um jogador porque ele corre muito ou é muito bom em duelos. Esses dois chegaram a este nível, mas penso naqueles que perdemos pelo

O VÍRUS TAMBÉM MUDOU O QUE SE PASSA NO RELVADO?

Os números sugerem que parte do problema está nos nossos olhos, mas após a paragem o jogo não ficou na mesma

Desde que o futebol regressou nesta versão sem público, não lhe parece que os jogos estão diferentes? Parecem menos intensos e menos espetaculares. É possível que tenha notado isso. Mas talvez não se deva fiar totalmente nos seus olhos.

“É uma falsa questão. Aquilo que esta retoma mostra é que muita gente não consegue ver futebol sem público e, portanto, acha que falta alguma coisa. Ouço muitas vezes os comentadores dizer que falta intensidade, mas o que falta é o barulho do público. Os dados que temos de GPS mostram que não há menos intensidade”, diz José Boto.

Carlos Freitas admite que possa ter existido um período de recuperação da forma física. A própria Liga avisava que uma interrupção superior a quatro semanas teria impacto suficiente para afetar a competitividade dos jogos. Normalmente, não é no início da época que se joga o melhor futebol. “Independentemente de alguns jogadores terem conseguido trabalhar no jardim de casa, a esmagadora maioria dos profissionais não tem jardim nem ginásio em casa”, lembra o diretor desportivo do Vitória.

UM JOGO MAIS CAUTELOSO

A olho nu, o jogo talvez pareça menos intenso. Mas os dados não confirmam isso. Uma análise feita aos jogos da Bundesliga mostra que os jogadores fizeram mais sprints e que as equipas correram mais. Mas não significa que o jogo esteja totalmente igual. Os dados mostravam mais passes, menos dribles. Um jogo mais cauteloso, menos arriscado, talvez com menos incentivos para impressionar quem está na bancada.

E em Portugal? Também parece haver efeitos. Os dados recolhidos e analisados pela GoalPoint para as cinco jornadas após o recomeço sugerem que o jogo está mais lento e menos direto. Houve uma quebra de 11% na velocidade média por cada posse de bola, de 1,66 metros verticais por segundo para 1,47. Temos mais 26 passes por jogo

(aumento de 4%), mas aqueles que são feitos para o último terço tiveram um recuo de 4 por cento. As tentativas de drible nessa zona do campo também recuaram de 16,8 para 15,4 por jogo.

Os mesmos dados da GoalPoint sugerem que a média de faltas disparou de 31,6 para 35,5 (mais 12%), o que está a refletir-se num número muito mais elevado de penáltis, passando de 0,34 por jogo para 0,51. Essa subida é um dos principais fatores que estão a contribuir para o aumento de 9% no número total de golos. O outro são os golos fora da área, que saltaram de 0,3 para 0,5/jogo. Num regresso repentino à alta competição depois de tanto tempo de paragem, seria de esperar mais problemas com lesões, mas isso não parece estar a verificar-se, segundo os dados disponíveis: o número de substituições por lesões afundou de 0,41 para 0,27 por jogo, mesmo com a possibilidade de duas substituições extras.

FATOR CASA AINDA EXISTE?

Jogar sem público é também uma boa oportunidade para testar o impacto que os

9%

Mais golos

Após a pausa, o número de golos por jogo aumentou 9% (de 2,4 para 2,7), muito por responsabilidade dos penáltis, que dispararam de 0,34 para 0,51/jogo

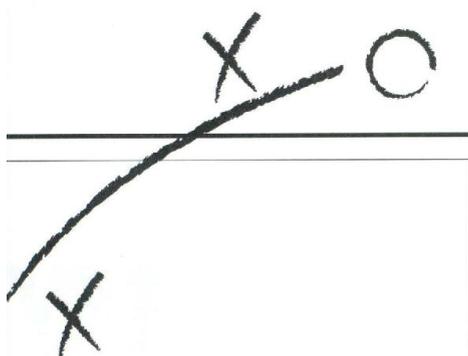
Área: 14707cm²/ 155%

Tiragem: 33.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6908913



adeptos têm no desempenho das equipas. Essa mesma análise da liga alemã, noticiada pelo *New York Times*, revela uma influência significativa. Os clubes que jogavam em casa ganharam apenas 33% dos jogos com os estádios vazios, em comparação com 43% com o apoio dos adeptos. As equipas que jogam em casa marcaram menos golos do que antes, remataram menos à baliza e, nas vezes que o fizeram, foram menos perigosas.

Menos cruzamentos, menos cantos e menos dribles tentados. Os guarda-redes parecem ter piorado: a percentagem de remates defendidos diminuiu para quem joga em casa e aumentou para quem joga fora. O árbitro, pelos vistos, diminuiu a tendência caseira. A equipa da casa passou a ter mais faltas contra marcadas. Houve também um aumento de cartões amarelos. Há mais faltas para os dois lados.

"Existem equipas que funcionam muito com o 12º jogador e têm mais dificuldades sem público, porque têm um jogo mais motivacional, mas em equipas com um modelo de jogo definido, como aqui no Shakhtar, nota-se menos", diz José Boto. Contudo, esta tendência não se observa da mesma maneira em Portugal, mostra a análise de dados feita pelo zerozero. Na época 2018/2019, 59% dos jogos que não resultaram em empates deram vitórias da equipa da casa. Até à 24ª jornada de 2019/2020, quando a competição foi interrompida, essa percentagem tinha caído para 54% e, curiosamente, até aumenta para 56% entre a 25ª e a 32ª jornadas, período sem público no estádio.



UM DIFÍCIL EQUILÍBRIO

Presidente quer mais investimento, CEO da SAD defende contenção orçamental

> CONTENÇÃO NO LIMBO

Apesar das dificuldades financeiras da indústria do futebol, os jornais desportivos asseguram que o presidente do Benfica, Luís Filipe Vieira, irá disponibilizar cerca de 100 milhões para a próxima época. Este será o maior orçamento de sempre para a modalidade, apesar de o CEO da Benfica SAD, Domingos Soares de Oliveira, defender um "orçamento conservador" (ver página 22).

> O REGRESSO DE JESUS

A estratégia de Vieira teve início ainda no decorrer desta temporada. O presidente do Benfica conseguiu garantir a contratação do técnico Jorge Jesus, que tinha acabado de renovar com o Flamengo. O Benfica irá desembolsar seis milhões por ano com os salários do treinador. Somado com a equipa técnica e a indemnização ao Flamengo, o custo ascenderá a 26,1 milhões durante três épocas.

> CONTAS SÓLIDAS

Com base no relatório e contas da temporada passada, o Benfica é, entre os três grandes, o clube com as contas mais sólidas. Conseguiu um lucro de 29 milhões de euros e apresentou capitais próprios acima dos 116 milhões de euros. Em contrapartida, é também o que mais gasta com o pessoal.

> OBRIGAÇÕES COLOCADAS

As incertezas geradas pela Covid-19 não foram suficientes para travar a emissão de 50 milhões de euros em obrigações, operação que correu a meio de julho e veio criar algum desafogo na tesouraria do clube. A procura foi superior à oferta.

caminho."

Entre os responsáveis e especialistas contactados pela EXAME, há quem esteja menos pessimista, notando que os clubes portugueses souberam sempre fazer muito com pouco. É o caso de Carlos Freitas. "Sempre tivemos menos capacidade financeira do que os clubes franceses e metemos mais clubes em finais europeias do que eles. Em Portugal, tem-se trabalhado bem. Este período vai exigir mais engenho, mas faz parte da natureza dos portugueses encontrar oportunidades."

Se viver obcecado apenas com a vitória do próximo fim de semana, o futebol português arrisca a fechar-se cada vez mais sobre si próprio. Boto avisa que é "altura de refletir por que razão há jogos com mil pessoas no estádio". "É fundamental atrair mais gente. Não se pode viver só do adepto que gosta do clube. Tem de se levar quem vai pelo espetáculo."

A Liga portuguesa não parece ser um produto de entretenimento apetecível lá para fora, por exemplo. Apenas 4% das receitas que os clubes recebem de direitos de transmissão vêm do mercado internacional, o que compara com 44% para Espanha e 10% para França.

MENOS ESPETACULAR?

Sem público, fica tudo mais difícil. Embora os dados sugiram que não houve mudanças assim tão grandes dentro de campo (página 30), um jogo de futebol sem espectadores perde parte do entusiasmo. "Estamos a falar de uma indústria ligada ao espetáculo. Depende do entusiasmo à volta do jogo, das emoções... A partir do momento em que é fechado, o sumo do futebol desaparece", diz Carlos Freitas

Os clubes e as operadoras têm procurado esconder a ausência de adeptos, com novos ângulos, público "falso", gravações de cânticos ou ruído, etc. Maior concentração na ação do relvado e bastantes planos das publicidades laterais. Novos equilíbrios difíceis de encontrar.

À EXAME, o CEO da Sport TV, Nuno Ferreira Pires, diz que houve um esforço para pensar em "novas disposições de câmaras permitindo mais e diferentes ân-

E Micro

gulos de visualização sobre jogadas, sobretudo as que se disputam dentro das grandes áreas onde acontece o clímax do jogo: o golo". Mais atenção dada à zona perto da baliza, mas também novas câmaras apontadas ao banco de suplentes "e em particular à ação dos treinadores, para captar a forma como são vividas as incidências de jogo".

A Sport TV lançou também pequenas inovações para tornar a experiência mais interativa, como um serviço que permite aos espectadores criarem som ambiente de apoio ao seu clube durante os jogos. "A experiência vai tornar-se cada vez mais interativa, cada vez mais dinâmica e relevante para o espectador, disso temos a certeza", diz Ferreira Pires.

Nem todas as mudanças resultaram. No recomeço do campeonato, a Sport TV colocou um som de suspense no final dos jogos. Depois de muitas críticas nas redes sociais - incluindo do jogador do Famalicão Fábio Martins - a operadora decidiu retirá-lo.

PROBLEMAS ANTIGOS

O futebol está a sofrer com a pandemia, mas também com velhos problemas. Fragilidade financeira, estruturas salariais insustentáveis e uma possível bolha no mercado de transferências. Já para não falar dos problemas legais que vão aparecendo sucessivamente em vários clubes, o último dos quais o Benfica, com um processo de fraude fiscal.

Carlos Freitas admite que no pré-Covid-19 "talvez não estivéssemos a viver num mundo totalmente real". "Há clubes históricos com problemas financeiros graves. O facto de termos de nos ajustar não é necessariamente negativo", assume. A pandemia foi a CMVM do futebol. "Um fator exógeno chamou-nos à realidade. Uma entidade externa que serviu como regulador."

Vários analistas argumentam que este momento de adaptação forçada pode ser a altura perfeita para avançar com reformas profundas, difíceis de fazer noutras alturas. Parece que todos os anos ouvimos falar de "apostar nos jovens", mas agora os clubes podem não ter alternativa. "Pode ser uma oportunidade para reduzir a estrutura de custos. Daí a im-



Uma aparência de normalidade

Em Inglaterra, os adeptos puderam pagar para ter no seu lugar no estádio a sua imagem, para apoiar a equipa. Até apareceu um casal real na bancada

portância de desenvolver a formação, mas também de olhar para o mercado nacional. Há 20 ou 30 anos era mais comum a aquisição de jogadores a atuarem em Portugal, o que também alimentava os clubes pequenos", diz Samagaio.

Do lado da sustentabilidade financeira, há muito que se discute uma possível centralização da venda de direitos de transmissão. Portugal tem a única grande liga europeia onde cada clube os vende individualmente. Aquilo que um "grande" recebe é dez a 15 vezes mais do que um clube mediano, segundo uma análise da UEFA. Não tem comparação com nenhum outro país. Em Inglaterra é 1,4 e em França, 2,3. O mais próximo que temos é a Holanda, com quatro vezes mais.

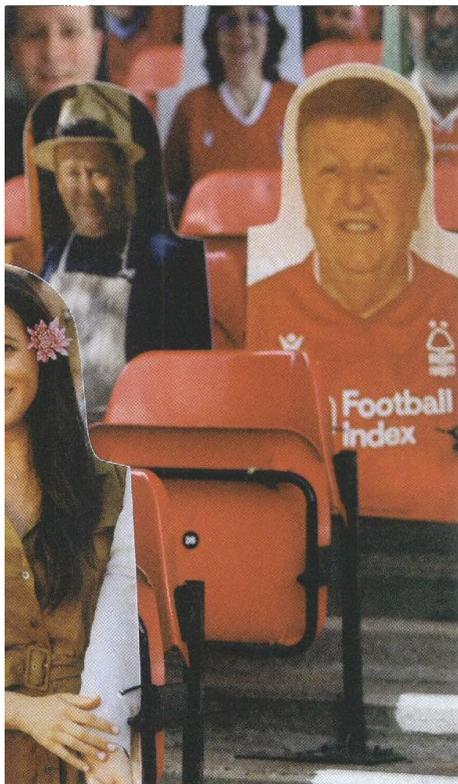
Ao Expresso, Pedro Proença, presidente da Liga, falava do "risco" relacionado com as "grandes assimetrias entre os clubes que mais ganham e aqueles que menos ganham". Nessa entrevista propõe que organizações internacionais criem



É uma matéria em que vamos avançar garantidamente, embora condicionados aos atuais contratos que existem. A centralização da venda dos direitos televisivos é uma medida positiva"

João Paulo Rebelo
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto





“rácios inultrapassáveis” entre clubes com maior e menor poder financeiro e formas de distribuição de riqueza.

“É um fator diferenciador para a Liga portuguesa. Seria uma belíssima oportunidade para centralizar direitos televisivos. Uma liga centralizada teria mais facilidade em ultrapassar este momento na negociação com as operadoras do que cada clube a negociar por si”, diz Miguel Farinha. No entanto, com contratos a expirarem apenas em 2028 (alguns dos quais com boa parte das receitas já antecipadas), não deverá haver novidades nos próximos tempos, principalmente com os mesmos protagonistas sentados à mesa de negociações. Ainda assim, a Liga e a federação estão a trabalhar com o Governo para prepararem o terreno para uma centralização futura. “Essa é uma matéria em que vamos avançar garantidamente”, assegura João Paulo Rebelo.

Outra hipótese de reforma que vozes mais radicais defendem é a possibilidade de deixar de ter ligas “abertas”. Isto é, com subidas e descidas de divisão. Na NBA e na NFL, o número de equipas

JOÃO PAULO REBELO / Secretário de Estado da Juventude e do Desporto

“TEMOS DE SER MAIS RIGOROSOS COM CONDIÇÕES FINANCEIRAS DOS CLUBES”

O governante segue com preocupação a situação do Aves e admite mudanças legislativas

Quão dramática é a situação para o setor? A Liga fala em menos 127 milhões de euros. Hoje, não conseguimos ainda ter a exata noção do impacto que esta pandemia trará, em particular no desporto. A Liga fala é do impacto até hoje. Não conseguimos saber se a próxima época vai retomar nas mesmas condições, com jogos à porta fechada, ou se haverá alterações.

A Liga só analisa as duas primeiras divisões. Existe maior preocupação com os escalões inferiores?

A minha preocupação é muito mais vasta do que o futebol e o futebol profissional. Existem milhares de portugueses nas mais diversas modalidades desportivas. Há duas vertentes: a económica, quem trabalha em exclusivo para o desporto, nos clubes locais, treinadores, preparadores físicos, administrativos; e a prática desportiva propriamente dita, cujo fomento está prejudicado.

Como vê a situação que estamos a viver com o Aves?

É evidente que é uma preocupação que merece reflexão e ação, não excluindo legislação que se faça para precaver situações desta natureza. Mas é uma matéria que, mais até do que à Federação, diz respeito à própria Liga e às regras e aos regulamentos da sua competição. Obviamente que não pode deixar de ouvir uma palavra minha de muita apreensão, porque, quando

um clube ameaça não cumprir os seus calendários desportivos e não comparecer, coloca em causa a própria verdade desportiva e implica com toda a competição. O meu gabinete solicitou ao Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ) uma análise ao regime jurídico que tutela as sociedades desportivas e matérias associadas, para perceber [o que se pode fazer] do ponto de vista do legislador. E o Governo pode fazer propostas, e também temos a força dos decretos de lei.

O que admite fazer?

Obviamente passará sempre por sermos muito mais rigorosos na validação de condições financeiras, fair play financeiro e cumprimento de regras pelos clubes, que têm de dar mais garantias.

A Liga não está a fazer o suficiente?

A Federação tem a tutela e a Liga, como existe um campeonato profissional, regulamenta e promove essa competição. Podia dizer que [o caso] tem que ver com regras internas, mas dada a importância do futebol – envolve um grande número de pessoas e tem grande impacto social e económico –, o Governo não se pode alhear. Se alguma coisa está a correr mal, temos de refletir com os próprios organizadores.

Clubes que fazem parte da identidade local podem

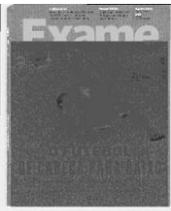
desaparecer ou ser obrigados a reconstruir-se. Estamos a procurar forma de garantir que, quando a pandemia passar, teremos os atores que existiam antes. Se me falar de emblemas e clubes com décadas de história, isso seria uma perda muito grande para o país desportivo que queremos evitar.

Existe um grupo de trabalho para estudar a centralização da venda dos direitos de transmissão. Seria uma mudança importante?

Essa é uma matéria em que vamos avançar garantidamente, embora condicionados aos atuais contratos que existem e que têm durações até 2027. Esse grupo de trabalho terminou em fevereiro. Já tínhamos chegado à conclusão de que a centralização da venda dos direitos televisivos era uma medida positiva.

Que efeitos estruturais podem o futebol e o desporto sofrer?

O desporto implica o contacto físico em quase todas as modalidades. [A pausa] tem efeitos. Pode ser desmotivador, fazer perder o ritmo, desenvolver outros interesses e não regressar. Temos de tentar é que os meios e agentes que fomentavam a prática desportiva lá continuem. Não há uma federação desportiva que possa dizer que o financiamento foi limitado ou cortado. Pelo contrário.



E Micro

está fechado. Alguns analistas consideram que modelos abertos fomentam gastos excessivos, ao pressionar os clubes a manterem-se ou a subirem de divisão para obter mais receita. Também aqui, dificilmente haverá novidades. Os adeptos parecem gostar do modelo e ele permite-lhes manter a esperança no progresso do seu clube.

EFEITOS ESTRUTURAIS

Mesmo que muitas reformas fiquem pelo caminho, todos estão a preparar-se para que alguns efeitos da pandemia fiquem connosco por muitos anos. Por exemplo, haverá público na próxima época? Alguns responsáveis acham que, perante os espetáculos que já são autorizados, dificilmente a proibição continuará, mas ninguém espera um regresso a taxas de ocupação de 80 por cento.

“Se 2020/2021 for jogado sem público nos estádios, haverá sérias consequências financeiras, mas essas consequências já existem com aquilo que está a acontecer – os clubes estão a caminho da falência”, aponta Stefan Szymanski, à EXAME. “Independentemente do que aconteça, podemos esperar uma reestruturação financeira substancial no futuro.”

Para Christoph Breuer, professor no Instituto de Economia do Desporto e Gestão Desportiva na Escola Superior de Desporto da Alemanha, as ligas terão de se habituar a este novo ambiente, ajustando o que pagam pelas transferências e os salários dos jogadores e esperando que o dinheiro da transmissão televisiva as mantenha acima da linha d’água. “Mas isso não será suficiente para alguns clubes em ligas que já tinham uma condição financeira frágil antes de a crise emergir. Um problema para a transição financeira é que ninguém sabe quando é que as operações poderão regressar à normalidade”, responde por email.

Em Portugal, o receio é que este choque traga uma degradação dos indicadores financeiros dos clubes, com mais empréstimos à banca e um agravamento das dívidas a fornecedores, o que terá reflexos nos rácios de solvabilidade e na sua liquidez, que demorarão anos a reverter.

Esse impacto estrutural pode ser insuperável e talvez mesmo necessário, avisa Breuer. “Se regressarmos ao ‘normal’

FRANCISCO ZENHA /
vice-presidente do Sporting

“OTIMIZAR CUSTOS E REINVENTAR RECEITAS”

Será nas transferências e nos “match days” que os clubes irão sentir o maior impacto desta conjuntura

Qual o impacto que esta pandemia irá provocar nos clubes?

O principal efeito será nas receitas diretas do match day, ou seja, bilheteira, gameboxes e merchandising, que, no nosso caso, representam mais de 50% da faturação total. Por outro lado, teremos um mercado de transferências mais anémico. E essa é, para os clubes portugueses, e para o Sporting em particular, uma das principais fontes de receita.

Mas os grandes clubes da Europa admitem comprar jogadores para reforçar os plantéis?

Esta conjuntura destrói valor e penaliza a capacidade financeira de quem compra. A minha convicção é de que, este ano, o mercado será muito mais fraco. Mas isto não quer dizer que não haja investimento. Há clubes que se querem reforçar e basta que um clube inglês seja comprado por um milionário para fazer mexer o mercado. De qualquer forma, irá ser com valores inferiores ao que tem sido nos últimos anos.

As receitas das competições europeias também poderão ser reduzidas?

Não creio, porque as receitas são provenientes, na sua maioria, dos direitos televisivos. E as transmissões vão continuar a acontecer.

O que o clube está a fazer para compensar o efeito da Covid-19?

Nestas situações, o nosso foco são dois pontos essenciais. Otimização da estrutura de custos aproveitando os recursos que já temos ao dispor e reinvenção das fontes de receita. Por exemplo, durante o confinamento, as vendas de merchandising online cresceram 50 por cento. Temos de apostar mais nestas novas plataformas tecnológicas, em que ainda temos um longo caminho a percorrer. Mas ainda há muitas incógnitas sobre o que vai acontecer na próxima época.



15

Mais dinheiro

Um clube “grande” chega a receber 15 vezes mais pelos direitos de transmissão do que uma equipa do meio da tabela. É, de longe, a maior assimetria na Europa

1 000
euros

Salários

Mil euros é o salário médio na segunda divisão portuguesa. Na primeira, tirando FC Porto, Benfica e Sporting, a média são 5 500 euros/mês



Data: 01.08.2020

Titulo: O FUTEBOL DE CABEÇA PARA BAIXO

Pub: **Exame**

Tipo: Revista Especializada Mensal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 1;18;19;20;21;22;23;



Mais investimento?

Em aparente contraciclo com o mercado, o Benfica apostou forte na contratação do treinador Jorge Jesus ao Flamengo. Em três anos, a equipa técnica custará mais de 26 milhões

Área: 14707cm²/ 155%

Tiragem: 33.400
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6908913



A experiência vai tornar-se cada vez mais interativa, cada vez mais dinâmica e relevante para o espectador”

Nuno Ferreira Pires
CEO da Sport TV



cedo demais, os salários e as transferências irão recuar apenas durante alguns meses, mas, mal a economia recupere, voltarão a aumentar, até à próxima crise.”

O presidente da Liga, Pedro Proença, já admitiu na citada entrevista ao *Expresso* que o “futebol será claramente diferente após esta catástrofe”. Diferente como? Miguel Farinha antecipa que, sem vacina, “tão cedo ninguém quererá ir a um estádio cheio, não é um ambiente muito chamativo”. Como é que isso pode deixar o futebol? “Pode-se perder a paixão clubística, que é alimentada por idas ao estádio. Ter um clube que vê de longe a longe. É como estar em Portugal e torcer pelo Manchester United”, acrescenta o analista da EY. Algumas feridas “durarão muito tempo”.

José Boto está mais otimista. “Com a capacidade de atração que o futebol tem, as pessoas estão ávidas por esse espetáculo. O futebol tem essa capacidade de diversão, de fazer esquecer os problemas da vida. O problema é que muitos clubes mal estruturados já estão perto da falência e podem desaparecer”, avisa. “Assim

que a pandemia melhorar um pouco, a retoma do futebol poderá ser mais rápida do que outras atividades. Foi assim na Segunda Guerra Mundial (II GM).”

De facto, durante a II GM, por vezes nem a proximidade de bombardeamentos travou os jogos de futebol. A maioria não acredita que será este vírus a fazê-lo. Simon Kuper, autor de *Football Against the Enemy* (e coautor, com Szymanski, de *Soccernomics*) escreve que todos os clubes “sobreviveram à Grande Depressão, à II Guerra Mundial, a recessões, presidentes corruptos, gestores terríveis e à crise económica de 2008”. “Vão sobreviver ao coronavírus também.”

Pode demorar muitos meses até voltarmos a ter 50 mil pessoas num estádio a gritarem pelo seu clube e talvez tenhamos de nos habituar a uma atividade económica mais modesta, com salários mais baixos e menos ambição financeira. Mas isso não será suficiente para matar o futebol. Com mais ou menos indústria, o desporto deverá resistir. **📌**

Com **Tiago Freire, Paulo M. Santos e Paulo Zacarias Gomes**

AGOSTO 2020 . **EXAME** . 35